

O A G I R
I N V I S Í V E L
D E D E U S



O A G I R
I N V I S Í V E L
D E D E U S



LUCIANO SUBIRÁ





EDITORA VIDA
Rua Conde de Sarzedas, 246 – Liberdade
CEP 01512-070 – São Paulo, SP
Tel.: 0 xx 11 2618 7000
atendimento@editoravida.com.br
www.editoravida.com.br

Editor responsável: Gisele Romão da Cruz
Preparação: Josemar de Souza Pinto
Revisão de provas: Sônia Freire Lula Almeida
Projeto gráfico: Claudia Fatel Lino
Diagramação: Luciana Di Iorio
Capa: Arte Peniel

©2019, Luciano Subirá

■
Todos os direitos desta obra reservados por Editora Vida.

PROIBIDA A REPRODUÇÃO POR QUAISQUER MEIOS,
SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Todos os grifos são do autor.

■
Os textos bíblicos foram retirados da versão Almeida
Revista e Atualizada, da Sociedade Bíblica do Brasil,
copyright 1993, exceto indicações em contrário.

Todas as citações bíblicas e de terceiros foram
adaptadas segundo o Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa, assinado em 1990,
em vigor desde janeiro de 2009.

1. edição rev.: jun. 2019

1ª reimp.: out. 2019

2ª reimp.: ago. 2020

3ª reimp.: out. 2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Subirá, Luciano

O agir invisível de Deus / Luciano Subirá. -- São Paulo : Editora Vida, 2019.

ISBN 978-85-383-0393-0

1. Busca de Deus 2. Crescimento espiritual 3. Palavra de Deus 4. Vida cristã
I. Título.

19-25331

CDD-248.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Busca de Deus : Vida cristã : Cristianismo 248.4
Maria Paula C. Riyuzo - Bibliotecária - CRB-8/7639



DEDICATÓRIA

Aos amigos

Arie e Louise Ros,

Sanderson e Mirtes Diotalevi e

Robert e Maria Thereza Ferter

pelo apoio e amparo durante o conflito interior
que me levou à compreensão destas verdades.



SUMÁRIO

<i>Prefácio</i> — FRANCISCO EDUARDO GONÇALVES.....	9
<i>Introdução</i>	11
1. Confiando mesmo sem ver	15
2. Satanás a serviço de Deus.....	33
3. Mais que vencedores.....	63
4. O canto do galo	93
5. Nas asas da águia	115
6. Os aguilhões de Deus	137
7. Os abalos de Deus	155
8. Planos de bem, não de mal	169
<i>Conclusão</i>	187



PREFÁCIO

POR MAIS ATENTOS QUE ESTEJAMOS ao agir de Deus, ele, em sua soberania ilimitada, sempre nos surpreenderá em coisas que ainda não percebemos.

O agir invisível de Deus só será frutífero na nossa vida à medida que aprendermos a depender da ação do Espírito Santo.

A Palavra de Deus diz que Jesus é o Agir Encarnado de Deus na terra, um mistério a ser revelado, que primeiramente precisamos conhecer (Colossenses 2.2), depois proclamar (Colossenses 4.3) e por fim manifestar: “o mistério que esteve oculto durante épocas e gerações, mas que agora foi manifestado a seus santos” (Colossenses 1.26, *Nova Versão Internacional*). Em Cristo Jesus, podemos fazer parte do agir invisível de Deus e manifestá-lo na terra.

Para mim, o pastor Luciano é um homem de Deus, que busca desvendar os segredos de Deus!

Fui muito abençoado com a leitura deste livro. Recomendo a todos sua leitura, que redundará em edificação espiritual.

PR. FRANCISCO EDUARDO GONÇALVES

Curitiba, primavera de 1999

INTRODUÇÃO

*Pois o Deus todo-poderoso, por ser soberanamente bom,
nunca deixaria qualquer mal existir nas suas obras se não fosse
bastante poderoso e bom para fazer resultar o bem do próprio mal.*

— AGOSTINHO DE HIPONA

TENHO APRENDIDO MUITO NOS ÚLTIMOS ANOS acerca da estranha maneira de Deus agir, e sinto-me desafiado a compartilhar isso com o maior número de pessoas possível. Alguns questionarão o que digo simplesmente porque são intransigentes; outros porque ainda não conheceram a dor de circunstâncias aparentemente sem explicação e com “cara do abandono de Deus”. No entanto, sei que muitos leitores receberão estas verdades como um bálsamo divino. Eu também oro para que elas sejam um instrumento de restauração e edificação, pois desejo muito que as vítimas da injustiça de alguns cristãos (que criam explicações simplistas e falam do que não entendem e não vivem) possam ter alento.

O que compartilho neste livro não é necessariamente a resposta para cada circunstância adversa. Há momentos em que

algo ruim ocorre como consequência de nossos próprios erros. Mas a perspectiva do agir invisível de Deus, além de poder ser a resposta para muitas dessas circunstâncias, é também uma tentativa de mostrar que o nosso atual universo de raciocínios e explicações dos fatos da vida cristã está longe de ser completo! Pelo contrário, é limitado, pobre, cego, e deve nos lembrar de que precisamos buscar em Deus uma dimensão mais profunda de revelação da sua Palavra.

Vivemos dias em que a fé evangélica tem crescido e se espalhado grandemente. Graças a Deus por isso! Mas temos que reconhecer que esse crescimento numérico tem acontecido com uma velocidade e intensidade muito maior do que a capacidade da Igreja de crescer em maturidade. O próprio crescimento gera inúmeros problemas. Um deles é que muitas igrejas, com o intuito de abrir novas frentes de trabalho para acolher os novos convertidos, têm formado, às pressas, uma nova geração de ministros, sem um forte embasamento na Palavra, mas apenas com o estritamente necessário para atender a demanda. E isso tem trazido ao povo de Deus um evangelho diluído e simplista. Há uma diferença entre o evangelho simples, que toca o homem diretamente em suas necessidades e que dispensa qualquer intelectualismo, e um evangelho simplista, que tenta dar respostas diferentes às da Bíblia e que, ao tentar simplificar as questões, desconsidera o fato de que estamos lidando com pessoas que pensam, que têm sentimentos. Desse modo, estamos edificando uma geração confusa, machucada, cheia de dúvidas e até mesmo descrente — embora, para fugirem do inferno, as pessoas aprendam a conviver e até mesmo a conformar-se com todas essas coisas!

Algo precisa sacudir-nos e arrancar-nos de nossa prepotência ao acharmos que podemos entender Deus e sua forma de agir e ditar sempre, e até, antecipadamente, como serão as coisas. Se algo acontece com alguém, sabemos por que aconteceu; se deixa de acontecer, sabemos exatamente por que não aconteceu! Temos respostas para tudo!

Não podemos negar o fato de que o reino espiritual é regido por princípios, e que tais princípios sempre serão imutáveis. Há, porém, uma grande diferença entre vê-los funcionando e discerni-los! Por exemplo, se pecamos contra Deus, colhemos as consequências, que variam de acordo com nosso comportamento, se nos arrependemos ou não. Davi pecou, adulterando e matando um amigo. Ele foi perdoado por Deus (o que remove a mancha da culpa), mas colheu as consequências, as quais lhe foram anunciadas pelo profeta Natã. Em outra situação relatada na carta à igreja em Tiatira, vemos Jesus repreender o pecado simbolizado por uma mulher chamada Jezabel. Ele disse que, se aqueles pecadores não se arrependessem, seriam julgados e ficariam prostrados numa cama, num leito de enfermidade (Apocalipse 2.18-23).

O pecado sempre tem consequências. Se nos arrependemos, somos perdoados; mas, ainda assim, colhemos as consequências. No caso de não nos arrependermos, seremos julgados. São situações diferentes, mas sempre haverá consequências. Quando alguém peca, podemos saber que haverá consequências e até mesmo prevenir a pessoa com relação a isso. Mas o que não podemos aceitar é a análise inversa, ou seja, tentar dizer se alguém está ou não em pecado pelas circunstâncias em que está vivendo. Esse é um campo em que não podemos entrar, e não cabe a nós julgar.

A Igreja do Senhor tem falhado muito nessa matéria nestes dias. Há respostas simplistas para tudo! Se alguém não recebeu a resposta à oração, é falta de fé. Se algo negativo aconteceu, foi o Diabo, e isso porque houve brecha espiritual. Se as coisas não estão bem é porque a pessoa está em pecado, e assim por diante! Muitas vezes a causa daquilo que está acontecendo pode até ser uma dessas coisas, mas não significa que seja só isso sempre!

Não podemos nos considerar doutores em psicologia divina. Alguns cristãos são assim. Aparentemente conseguem até mesmo se antecipar ao que Deus fará. “Neste caso, ele fará assim; no outro, fará ‘assado’”... “Os caminhos de Deus, no entanto, são mais altos do que os nossos, e os seus pensamentos também. Paulo declarou aos coríntios: “se alguém pensa que conhece alguma coisa, não a conhece ainda como convém conhecer” (1Coríntios 8.2, *Tradução Brasileira*). Ninguém pode agir como um “sabe-tudo” em relação às coisas de Deus, principalmente em relação a seu modo de agir personalizado na vida de seus filhos.

Assim, confiemos na soberania de Deus uma vez mais e aceitemos o fato de que nem sempre teremos todas as respostas, mas sempre poderemos caminhar na certeza de que ele tem o melhor para nós, quer compreendamos quer não.

CAPÍTULO 1

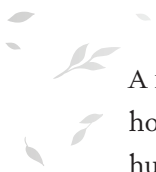
Confiando mesmo sem ver



Não sou movido por aquilo que vejo ou ouço;
sou movido por aquilo em que creio.

— SMITH WIGGLESWORTH





A NOSSA REFLEXÃO BÍBLICA COMEÇA com um texto escrito pelo homem que foi considerado o mais sábio em toda a história da humanidade: Salomão. Não creio que foi coincidência o fato de que Deus o escolheu para escrever acerca disso. Na verdade, não acredito em coincidências. Aprendi com outros irmãos em Cristo uma definição de “coincidência” que é muito interessante: “Coincidência é a obra divina em que Deus não reivindica sua autoria”.

O fato é que o rei Salomão era a pessoa mais indicada para nos dar a pista de que o agir de Deus nem sempre é visto ou compreendido pelo homem, não importando quão sábio ele seja. Foi ele quem declarou:

Assim como tu não sabes qual o caminho do vento, nem como se formam os ossos no ventre da mulher grávida, assim também não sabes as obras de Deus, que faz todas as coisas (Eclesiastes 11.5, *Almeida Revista e Corrigida*).

Três coisas são mencionadas como “coisas que não sabemos”: o caminho do vento, a formação dos ossos de uma criança ainda no ventre materno, e o agir de Deus.

Na verdade, por meio da expressão “não sabes”, entendemos que o escritor falava de coisas que “não vemos”. Podemos saber o caminho do vento por meio do balançar das folhas de uma árvore ou pelas evidências de que ele está soprando, mas nunca por ser algo visível aos nossos olhos. O caminho do vento em si é algo oculto à nossa visão. É algo que ocorre fora do alcance dos nossos olhos.

Semelhantemente, a formação óssea de um bebê ocorre ocultamente aos nossos olhos. Não podemos ver como ela ocorre. Creio que a expressão “não sabes”, que o sábio rei usou,

estava apontando para “o que não vemos”. Caso contrário, nem contemporânea seria essa afirmação, pois hoje a ciência traz uma explicação perfeita sobre a formação óssea do feto. Podemos “saber”, mas continuamos impedidos de “ver”.

Lembro-me de que, durante a gravidez dos nossos dois filhos, a minha esposa fez algumas ecografias e pudemos ver a formação física do Israel e da Lissa, mesmo antes de eles nascerem. Contudo, mesmo com todos esses recursos da ciência moderna, a formação óssea do feto — e não falo da certeza de que isso ocorre nem de como ocorre, mas, sim, do *processo* — encontrava-se oculta aos nossos olhos. Algo semelhante acontece ao caminho do vento. Sabemos que isso ocorre e até temos evidências, mas é oculto aos nossos olhos; por isso o definimos como “invisível”.

Com o agir de Deus não é diferente. O texto bíblico diz que *Deus age em todas as coisas*. Depois o versículo nos deixa claro que as duas menções anteriores de coisas ocultas aos nossos olhos eram apenas um paralelo que ilustra o agir divino. Deus age sempre, e em todas as coisas, embora nem sempre esse agir seja visível aos nossos olhos, pois o que o caracteriza é a definição bíblica de que é *invisível*.

Nos nossos dias, eu tenho visto os prejuízos da falta de conhecimento desse princípio e também da falta de temor a Deus. Como pastor, ouço pessoas dizendo coisas absurdas como: “Ah, eu já coloquei Deus na parede! Se até tal dia ele não me atender, eu...”.

Dá vontade de dizer a alguns: “Você o quê? Que ameaça é essa? Se ele não fizer o que você quer, você fará o quê? Você dará as costas ao Senhor e irá para o inferno? Quais são as suas opções?”.

É incrível a falta de respeito com a qual muitos se dirigem a Deus! Atualmente os papéis estão invertidos. Pelo comportamento dessas pessoas, parece até que Deus deixou de ser Senhor e passou a ocupar o papel de um simples um secretário. Está errado! Quem está na condição de “servo” somos nós, não ele!

Há o ensino bíblico da fé, e eu creio nele, pois, afinal de contas, o que é bíblico é o conselho de Deus para a nossa vida e ponto final. Creio no que Jesus ensinou sobre *falarmos às montanhas*. Eu creio em *darmos ordens* aos problemas e obstáculos, para que se retirem da nossa vida e sejam lançados no mar. Contudo, é um absurdo confundir as coisas e achar que podemos dar ordens a Deus. Ninguém dá ordens a Deus! Diante dele todos devem se calar! Ele é soberano! Ele é santo! Ele é Deus! Ele é totalmente suficiente! Ele faz o que quiser, como e quando quiser. A Igreja precisa reaprender isso!

Sei que há promessas e princípios bíblicos que já são uma revelação da vontade divina, e que, em situações em que esses princípios podem ser indiscutivelmente aplicados, não precisamos orar para descobrir qual é a vontade do Senhor e o que ele quer fazer. Mas, mesmo quando já sabemos o que Deus quer fazer, nem sempre podemos entender como ele fará o que ele quer fazer, ou mesmo quando isso será feito.

A forma de Deus agir nunca foi e nunca será previsível. O homem não pode compreender o agir de Deus com a sua mente e com o seu raciocínio, pois a operação de Deus está muito acima do nosso entendimento.

Quando Salomão mencionou *o agir invisível de Deus*, ele não disse que o Senhor deixa de agir nas circunstâncias em que parece estar ausente, mas, sim, que não podemos ver a

sua operação. Não se trata de Deus deixar de agir, mas, sim, de fazê-lo de tal forma que não o vemos em ação.

Em nenhum lugar da Bíblia é apresentada uma ação divina padronizada. Não vemos o Senhor lidando com as pessoas por atacado. O seu agir na nossa vida é pessoal. Cada pessoa, ou cada situação, é tratada por Deus com carinho e criatividade. Há um agir personalizado, e isso é inegável. Mesmo nas guerras e batalhas (acontecimentos muito comuns e repetitivos nas páginas do Antigo Testamento), nunca vemos duas intervenções divinas iguais. Para cada situação, há uma intervenção diferente, embora os resultados finais sejam semelhantes. O que concluímos é que, mesmo quando a vontade expressa de Deus é livrar seu povo das mãos do inimigo, a forma com que ele o faz é sempre um mistério. Ou seja, mesmo quando sabemos *o que* ele quer fazer, não podemos saber *como* ele o fará.

O que é necessário então é parar de achar que Deus nos deve uma satisfação com relação ao seu agir. Ele age sempre e em todas as circunstâncias. A parte que nos cabe é crer e esperar a sua manifestação, não exigir que o Senhor nos mostre a forma de operar que foi adotada. Há muitas pessoas cobrando de Deus uma *explicação* para o que não entendem. No entanto, o nosso Pai celestial nunca nos prometeu que ele daria explicações de como operaria. A única coisa que ele prometeu foi que agiria. Assim, enquanto ele opera de forma invisível aos nossos olhos, espera que nós creiamos.

Um contínuo exercício de fé

Na verdade, eu gostaria de chamar a sua atenção para a importância do fator confiança. Deus espera que o nosso coração repouse nele em todo o tempo e em qualquer circunstância,

pois o fato de aceitarmos um agir invisível aos nossos olhos é um ótimo treinamento para a nossa fé. Talvez esta seja uma das razões pelas quais o Senhor escolheu agir assim: exercitar continuamente a nossa fé. E a definição bíblica de fé é a seguinte: “Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não veem” (Hebreus 11.1).

Crer no agir de Deus é ter uma convicção sobre algo que não se vê. O nosso irmão Paulo disse aos coríntios que “andamos por fé, e não por vista” (2Coríntios 5.7, *Almeida Revista e Corrigida*). A lição que o Senhor Jesus deu a Tomé após a sua ressurreição é mais uma prova disso. A fé nunca se baseia no que vemos, mas na certeza de que o que Deus prometeu é um fato e terá o seu cumprimento. Ora, aprendemos essas coisas logo no início da nossa caminhada cristã, e elas não são difíceis de aceitar, tampouco geram discussões entre o povo de Deus, pois são indiscutíveis. Mas, na hora em que nos encontramos em apuros e não conseguimos ver Deus agindo (pois o seu agir é oculto aos nossos olhos), esquecemo-nos rapidamente disso.

Ninguém tem o direito de exigir do Senhor uma satisfação com relação à sua maneira de agir. Primeiramente, porque ele é Senhor e não está numa posição de ser questionado. Em segundo lugar, porque ele nunca nos prometeu que veríamos a sua forma de agir. Pelo contrário, ele nos ensina em sua Palavra que o seu agir é invisível aos nossos olhos e que a nossa caminhada deve ser pela fé, não pela vista. Ou seja, não devemos ter a expectativa de ver, mas somente devemos crer na fidelidade daquele que prometeu agir em todas as coisas. Resumindo, Deus não tem nenhum compromisso conosco no sentido de nos explicar como ele está agindo, embora tenhamos a responsabilidade de

permanecer na fé, mesmo quando não houver uma evidência visível de que está atuando.

Desde o início do relacionamento de Deus com os homens, vemos essa nossa dificuldade humana de crer no invisível, como também a insistência divina de que isso deve ser assim. Quando Deus se manifestou de uma forma tão intensa a todo o povo de Israel que havia saído do Egito, ele se absteve de aparecer em uma determinada *forma*, para que não tentassem imitá-la mais tarde na forma de um ídolo:

Então, o SENHOR vos falou do meio do fogo; a voz das palavras ouvistes; porém, além da voz, não vistes aparência nenhuma. [...] Guardai, pois, cuidadosamente, a vossa alma, pois aparência nenhuma vistes no dia em que o SENHOR, vosso Deus, vos falou em Horebe, no meio do fogo; para que não vos corrompais e vos façais alguma imagem esculpida na forma de ídolo, semelhança de homem ou de mulher, semelhança de algum animal que há na terra, semelhança de algum volátil que voa pelos céus, semelhança de algum animal que rasteja sobre a terra, semelhança de algum peixe que há nas águas debaixo da terra (Deuteronômio 4.12,15-18).

O que esse episódio retrata é a dificuldade que todo ser humano tem no sentido de *confiar no que não vê*. Contudo, o Senhor escolheu a dimensão de relacionamento que se baseia na fé e na confiança. E cada vez que ele age sem que os nossos olhos vejam ou a nossa mente compreenda, ele está nos proporcionando um exercício de fé. Na verdade, como ele sempre age assim, ele nos proporciona um *contínuo exercício* de fé.

O homem tem dificuldades para aceitar isso. Ele vive tentando criar atalhos e acaba se dando mal, pois, quando ele entra num caminho que Deus não abriu, acaba se afastando dele

cada vez mais. A idolatria em todo o mundo é uma prova disso. Cada povo e cada cultura, em todos os períodos da História, sabe o que significa fabricar ídolos. É uma tentativa de tornar a fé algo visível e palpável. As pessoas acham mais fácil crer no que veem (ainda que seja um pedaço de madeira ou de gesso) do que no que é invisível. Mas Deus tem se revelado assim, e quem deseja relacionar-se com ele tem de se submeter a isso.

Assim, cada vez que nós, cristãos, murmuramos por não termos evidências do agir de Deus, estamos, na verdade, incorrendo no mesmo erro dos idólatras. A nossa murmuração parece algo mais ameno, mas a premissa é a mesma, e, se não tomarmos cuidado, entristeceremos o Senhor e nos afastaremos dele.

O fato de não sabermos como Deus agirá não deve ser, em momento algum, uma incerteza se ele de fato agirá ou não. Pelo contrário, isso deve gerar em nós a expectativa de como ele nos surpreenderá com os caminhos que escolheu para intervir em cada nova circunstância da nossa vida.

Devemos depender inteiramente do Senhor e aprender a exercitar continuamente a nossa fé. Em seu ministério terreno Jesus repreendeu algumas pessoas por sua pequena fé, e houve alguns que ele elogiou por sua grande fé. Contudo, houve um homem cuja fé foi realmente elogiada por Cristo, a ponto de ele chegar a dizer que não encontrou fé semelhante à desse homem em todo o Israel. Ele era um centurião romano. Em Mateus 8.5-13, podemos ler sobre o seu pedido para que Jesus curasse um de seus servos, e, no momento em que Cristo se dispôs a ir à sua casa, esse homem reconheceu que nem era preciso; bastaria com que Jesus dissesse apenas uma palavra e seria o suficiente para que o milagre acontecesse, pois, quando alguém está investido de autoridade, suas ordens têm que

ser obedecidas. Esse centurião não quis nenhuma evidência visível. A sua fé estava apoiada *na palavra de Cristo*, e isso bastava. Jesus disse que esse foi o mais alto nível de fé que ele encontrou. É nesse nível que devemos nos sentir desafiados a nos mover com relação às coisas do Senhor!

Não podemos e não devemos agir tentando nos apoiar no que é visível, mas devemos crer e depender inteiramente do que Deus disse em sua Palavra. E, à medida que procedemos assim, exercitamos a nossa fé.

De fato, confiar em Deus sem depender de um testemunho visível é um exercício de fé. E repito: como o Senhor sempre age assim, então o que temos é um *contínuo exercício de fé!*

Pensamentos mais altos

Os nossos olhos não alcançam a esfera da operação de Deus porque esta pertence a um plano superior. Outra razão bíblica (além do exercício da fé) que encontramos para o fato de o Senhor agir num plano invisível aos nossos olhos é que os seus pensamentos são mais elevados que os nossos. A mente de Deus é infinitamente mais ampla que a nossa, e a sua sabedoria é tão gigantesca que não há como dimensioná-la. Esperar que ele aja de uma forma que entendamos é limitar e rebaixar grotescamente o seu agir. A maneira de o nosso Senhor agir transcende o limite humano de compreensão. Quando as Escrituras falam que os caminhos de Deus são mais altos que os nossos, elas relacionam isso com o fato de os seus pensamentos também serem mais altos que os nossos:

Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos, diz o SENHOR, porque, assim como os céus são mais altos do que

a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos (Isaías 55.8,9).

Podemos afirmar com toda a certeza que o fato de Deus agir por caminhos mais altos (e isso é derivado do fato de que os seus pensamentos também são mais altos) deve-se à sua infinita capacidade de gerenciar todas as coisas. Quando pensamos na resposta para o nosso problema, a nossa mente limitada e egoísta só pensa nesse problema. Quando Deus pensa na resposta para o nosso problema, ele vai além, muito além!

Ele consegue propor respostas que não se limitam somente a esse momento e consequência, mas que também tocam a *causa* do problema e têm o poder de *continuarem agindo* em nós quando o que considerávamos problema já não estiver presente.

Também poderemos sugerir que, além de nos tocar isoladamente, ele ainda poderá estar propondo soluções que não envolvam somente a nós mesmos, mas também outras pessoas. Deus poderá ainda estar tocando não somente uma área problemática, como também toda uma rede de outros problemas interligados ao que nos incomoda mais. Ou ele poderá tocar valores e escolhas errados, que permitiram a entrada e a instalação de tal problema. E mais, muito mais!

A nossa mente talvez faça uma longa e abrangente lista, mas, independentemente de quão longe a nossa perspicácia e o nosso raciocínio puderem nos levar, jamais chegaremos perto da forma de pensar de Deus, que está fora do nosso alcance.

A sabedoria de Deus nos é apresentada na Bíblia como tendo muitas formas. Em Efésios, ela é denominada “multiforme sabedoria”, ou seja, uma sabedoria que não é limitada,

mas que se abre num leque infinito de dimensões da operação divina. Essa ilimitada sabedoria pluraliza a resposta de Deus para cada problema ou obstáculo que o ser humano enfrenta, em vez de tocar de forma direta uma única questão. Deus tem o poder de trazer às nossas situações várias intervenções, que, por sua vez, jamais enxergaríamos.

Considere também que o Senhor conhece o futuro, que é algo que homem algum, nem mesmo o Diabo, tem capacidade de conhecer. Portanto, a ação de Deus não está voltada somente ao “já” e ao “agora”, mas ela também se estende ao futuro e sempre prioriza o nosso melhor em uma visão global, mais abrangente do que a nossa mente jamais poderia alcançar. A atuação de Deus é integrada e também sinérgica.

Para o ser humano, o desvendamento de mistérios parece ser algo de suma importância. Deus, por outro lado, parece fazer questão de ocultar algumas coisas, especialmente o que diz respeito à sua ação na nossa vida.

Salomão foi um homem sábio e inquiridor, mas enxergou em Deus essa característica e a mencionou, não apenas em Eclesiastes, mas também em Provérbios: “A glória de Deus é encobrir as coisas, mas a glória dos reis é esquadrinhá-las” (Provérbios 25.2).

“Esquadrinhar” não é algo somente dos reis, mas também de todo ser humano. No entanto, no caso dos reis da Antiguidade, quanto mais conhecedores dos mistérios eles fossem, mais respeito ganhavam do povo. Contudo, “esquadrinhar” é algo que está ligado ao homem de forma geral. Todos queremos entender bem e saber explicar as coisas. Assim, essa forma de o Senhor operar parece ser inaceitável à nossa própria natureza.

Isso gera lutas, mas precisamos aprender a superá-las e descansar em Deus.

Parece que quanto *mais* tentamos entender o agir de Deus, *menos* conseguimos enxergá-lo. Encontramos nas Sagradas Escrituras um acontecimento que exemplifica muito bem isso. É o episódio do aparecimento do Senhor Jesus Cristo aos dois discípulos que caminhavam em direção a Emaús.

Esse texto nos mostra que temos a tendência de traçar os nossos próprios planos para o agir de Deus. É como se inconscientemente estivéssemos dizendo ao Senhor como ele deveria agir. Fixamo-nos tanto em esperar que Deus aja de determinada maneira que, quando ele age diferentemente do que esperávamos, não conseguimos vê-lo. Precisamos aprender a esperar pelo agir de Deus sem nos prendermos ao modo específico de como ele agirá.

“Esperávamos que fosse”

Esse episódio ocorreu após a morte e ressurreição do Senhor Jesus, quando dois discípulos caminhavam tristes para Emaús, não sabendo que Cristo havia ressuscitado. O próprio Jesus lhes apareceu, mas não puderam reconhecê-lo, pois os seus olhos estavam espiritualmente fechados:

Naquele mesmo dia, dois deles estavam de caminho para uma aldeia chamada Emaús, distante de Jerusalém sessenta estádios. E iam conversando a respeito de todas as coisas sucedidas. Aconteceu que, enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus se aproximou e ia com eles. Os seus olhos, porém, estavam como que impedidos de o reconhecer (Lucas 24.13-16).

Repare que o texto diz que os olhos deles estavam impedidos de reconhecê-lo. Não sei se você já parou para pensar por

que eles estavam impedidos, mas eu já. Durante muito tempo, eu achei que Jesus não queria que eles o reconhecessem, ou que talvez estivesse diferente depois da ressurreição, mas o fato é que não ocorreu nem uma coisa nem outra.

Diferente Jesus não estava, pois, ao aparecer ao restante dos discípulos, ele mostrou até mesmo os ferimentos que lhe fizeram ao lado, como também os ferimentos dos cravos nas mãos e nos pés. Assim, o seu corpo ressuscitado era o mesmo em aparência.

A continuação do texto nos mostra a razão pela qual eles não conseguiram reconhecer que era Jesus:

Então, lhes perguntou Jesus: Que é isso que vos preocupa e de que ides tratando à medida que caminiais? E eles pararam entristecidos. Um, porém, chamado Cleopas, respondeu, dizendo: És o único, porventura, que, tendo estado em Jerusalém, ignoras as ocorrências destes últimos dias? Ele lhes perguntou: Quais? E explicaram: O que aconteceu a Jesus, o Nazareno, que era varão profeta, poderoso em obras e palavras, diante de Deus e de todo o povo, e como os principais sacerdotes e as nossas autoridades o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. Ora, nós esperávamos que fosse ele quem havia de redimir a Israel; mas, depois de tudo isto, é já este o terceiro dia desde que tais coisas sucederam (Lucas 24.17-21).

Aqueles dois discípulos estavam tristes e abatidos. Cristo se fez de desentendido, perguntando-lhes por que eles estavam com o semblante daquele jeito. Por meio da resposta deles, percebemos que tinham uma expectativa com relação a Jesus e que a crucificação havia “arrebentado com ela”.

Os judeus, em geral, esperavam um Messias que se manifestaria como um general de guerra e que os livraria do domínio

dos romanos, para que eles pudessem estabelecer o seu próprio reino. É por isso que, em certa ocasião, Tiago e João pediram que, quando Cristo se assentasse no trono da sua glória, um deles se assentasse à sua direita, e outro à sua esquerda. Eles imaginavam um reino físico, e, ao lado do Rei, queriam ser ministros da Fazenda e do Planejamento.

Cleopas e o seu companheiro de caminhada demonstraram claramente a sua frustração ao concluírem com as seguintes palavras: “esperávamos que fosse ele quem havia de redimir a Israel; mas, depois de tudo isto, é já este o terceiro dia desde que tais coisas sucederam”. O que eles estavam dizendo?

Estavam dizendo que achavam que por meio de Jesus viria a redenção (física) de Israel, mas já fazia três dias que ele havia sido morto; ou seja, esperavam que fosse ele, mas tudo indicava que não era! Isso foi mais ou menos o que eles davam a entender com a expressão “esperávamos que fosse”.

Essa expressão é uma chave importante no texto. Eles tinham uma expectativa de como Deus agiria, mas Deus agiu diferentemente do que esperavam. Enquanto eles esperavam um reino físico somente para Israel, Jesus estava cuidando da redenção dos pecados de toda a humanidade e estabelecendo o aspecto espiritual do Reino de Deus. Em seu retorno à terra, ele estabelecerá o aspecto físico do Reino, mas a sua primeira vinda não envolvia esse aspecto. Contudo, os discípulos estavam tão fixados nessa ideia que não conseguiam ver Deus agindo de outra forma. Achavam que a morte de Cristo na cruz havia sido uma derrota, e não conseguiam imaginar Deus no controle da situação. Pelo fato de que esperavam o agir de Deus de uma única maneira, não conseguiam ver o que o Pai celestial estava fazendo de modo diferente do que haviam pensado.

Assim também acontece conosco. Fantasiamos tanto o agir de Deus que acabamos criando as hipóteses de como agiríamos se fôssemos Deus, fazendo os nossos planos. Fixamo-nos nas nossas ideias, e, quando o Senhor acaba agindo de modo diferente, não conseguimos vê-lo em ação.

Eu gostaria de desafiar você a parar de tentar ensinar a Deus como ele deveria agir quando você orar por algo. Até mesmo quando não o fazemos verbalmente, acabamos fazendo-o com os nossos pensamentos. Pelo fato de nos fixarmos tanto na espera de uma única forma de atuação divina, os nossos olhos não reconhecem quando o Senhor está operando na nossa vida.

Muitas vezes, não conseguimos ver o agir de Deus porque ele realmente o ocultou, mas há momentos em que nos excluímos da possibilidade de ver porque ficamos presos ao que esperávamos dele. Foi somente depois que Jesus lhes explicou biblicamente o que deveria acontecer com o Cristo e lhes demonstrou pela sua conhecida forma de partir o pão que era ele mesmo falando com os discípulos pelo caminho que os olhos destes se abriram. Agora eles já não esperavam mais o general de guerra, mas o Cristo ressurreto. Pois já não havia mais o que os impedisse de ver.

Eu já senti o mesmo que esses dois discípulos sentiram. Eu nunca esperava que Deus pudesse agir em circunstâncias aparentemente negativas. Portanto, nos momentos em que ele estava agindo na minha vida de uma forma diferente da qual eu esperava, eu não conseguia ver que era ele em ação. Uma espécie de cegueira espiritual estava sobre os meus olhos e não permitia que eu reconhecesse Deus comigo. Eram os conceitos errados e fantasiosos que eu mesmo criara de como deveria ser

a ação de Deus nesses momentos. Mas, assim que o Senhor começou a fazer que eu entendesse a Palavra, e que havia maneiras diferentes de Deus agir, os meus olhos se abriram e eu pude reconhecê-lo comigo nas horas em que aparentemente isso seria impossível. E foi exatamente assim que aconteceu com os discípulos:

E aconteceu que, quando estavam à mesa, tomando ele o pão, abençoou-o e, tendo-o partido, lhes deu; então, se lhes abriram os olhos, e o reconheceram; mas ele desapareceu da presença deles (Lucas 24.30,31).

Em nosso anseio de querer compreender tudo de uma forma racional, essa forma misteriosa de Deus agir não parece ser algo tão bom. Contudo, à medida que trazemos mais luz da Palavra sobre essa forma divina de ação, percebemos quão linda e inspiradora ela é, uma vez que retrata a soberania e o cuidado do Pai celestial para conosco.

O que inicialmente eu gostaria de estabelecer, não explicar, é que isso é um princípio bíblico. O agir de Deus é invisível — está fora do alcance da nossa vigilância. E isso se deve a várias razões. Já mencionamos a necessidade de se andar pela fé. Falamos também que os pensamentos de Deus são mais altos e que não conseguimos compreender sua multiforme sabedoria ou a pluralidade das respostas que ele traz em uma única circunstância. Afirmamos ainda que muitas vezes somos tão limitados pela nossa maneira de pensar como Deus deveria agir que, quando ele age de um modo diferente, acabamos não conseguindo vê-lo em ação (ainda que agora seu agir seja visível). Mas, em tudo isso, o que eu mais gostaria de destacar

é a enorme e indizível diferença que há entre a nossa forma de pensar e a de Deus, em sua multiforme e infinita sabedoria!

No entanto, essa vantagem divina de pensamentos mais altos não é somente sobre o homem, mas também sobre Satanás e seus demônios!

